

Previsto para 86 superávit nas transações correntes

A partir de 1985, o Brasil conseguirá equilibrar suas transações correntes, que incluem a balança dos serviços (fretes, seguros, etc.), além das trocas comerciais, cujo déficit ao final deste ano deverá situar-se entre US\$ 4 e US\$ 4,5 bilhões. Assim, já em 1986, será obtido o primeiro superávit em conta corrente, com o qual poder-se-á pagar os juros da dívida externa e, talvez, com alguma sorte, abater algo do principal.

Essa previsão, otimismo demais, na opinião de alguns economistas, foi feita ontem em São Paulo, pelo coordenador para Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Tarcísio Marciano da Rocha, para um pequeno grupo de empresários, reunidos na sede do GAP (Grupo de Assessoria e Participação). Todos eles partidários do deputado Paulo Maluf. Para ele, o processo de ajustamento às exigências do FMI no Brasil está mais avançado e com melhores resultados do que os de outros devedores do Terceiro Mundo.

Para Marciano da Rocha, a recuperação da economia brasileira, comandada pelas exportações, é a melhor prova de que o programa de ajustamento nacional está bem à

frente dos demais. Ele defendeu também a idéia da Seplan de gastar parte do superávit comercial acumulado até abril com importações. "Elas não são supérfluas, porque há, no mínimo, dois anos elas estão rigidamente controladas. Além disso, as importações serão feitas pelo setor privado na faixa de cortes ou substituições feitos pelas estatais."

O assessor do Ministério da Fazenda defendeu as importações sob o argumento de que, "se tivermos que importar caviar do Irã ou da União Soviética para diminuir o déficit na balança comercial desses países conosco, esse caviar não será mais supérfluo". Sua estimativa para as exportações brasileiras deste ano é de US\$ 25 bilhões, enquanto as importações deverão situar-se em US\$ 15/15,5 bilhões.

Durante a sua explanação aos empresários do GAP, Marciano da Rocha abordou as características de cada uma das grandes regiões com as quais o Brasil tem maiores fluxos de comércio: Estados Unidos e Canadá, Comunidade Econômica Europeia, América Latina, África, China e Japão.